



DL-01

Ses. Esp. 06/04/13

A Srª PRESIDENTE (Neusa Cadore):- Boa-tarde. Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente Sessão Especial, “CESE 40 ANOS DE LUTA POR DIREITOS HUMANOS, DESENVOLVIMENTO E JUSTIÇA”, proposta pelo nosso mandato.

Para iniciar, convidamos os componentes da Mesa. Convido a Srª Secretária Estadual de Desenvolvimento Social e Combate à Pobreza, Moema Gramacho, que aqui representa o nosso governador Jaques Wagner (palmas); convido a Srª Secretária de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República, ministra Luiza Bairros (palmas); convido a Srª Secretária de Políticas para as Mulheres, Vera Lúcia Barbosa (palmas); convido o Sr. Secretário de Cultura do Estado, Antônio Albino Rubim (palmas); convido a Srª Presidente da CESE, Eleni Rodrigues Mendes Rangel (palmas); convido a Srª Diretora Executiva da CESE, Eliana Bellini Rolemberg (Palmas); convido o Sr. Membro da Diretoria do Conselho Latino-Americano de Igrejas (Região Brasil) e coordenador do grupo de trabalho sobre igrejas, da Comissão da Verdade, Sr. Anivaldo Padilha (palmas); convido o Sr. Membro-Fundador da Direção Nacional do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, João Pedro Stédile (palmas); convido a Srª Representante do Movimento dos Pescadores e Pescadoras Artesanais, Marizélia Carlos Lopes (palmas); convido o Sr. Líder Tupinambá, na Serra do Padeiro, “Cacique Babau”, Rosivaldo Ferreira da Silva. (Palmas)

Queremos saudar com muita alegria todos e todas e, como proponente desta sessão, vou iniciar usando a tribuna.

Desculpe. Vamos dar um tempinho para que seja entoado o Hino Nacional.
(Apresentação Hino Nacional)

A Srª Neusa Cadore:- Queria saudar com emoção, com alegria, com gratidão, todas as pessoas que se reúnem neste espaço que é a Casa do Povo, saudar toda a Mesa que acabamos de compor na pessoa da companheira valorosa, destemida, generosa, Srª Eliana Rolemberg. (Palmas)



Muitas das pessoas que estão aqui nessa tarde, participaram, hoje pela manhã, de uma celebração muito especial. E para nós, recebê-los nesta Casa, é um momento histórico, é uma dádiva, um presente, uma honra grande. E sabemos muito bem que toda a caminhada de quatro décadas se constitui para todos nós num grande testemunho.

Se foi revolucionário encontrar um caminho em plena ditadura, encontrar um jeito de articular e conseguir seguindo um caminho, na verdade, os 40 anos da CESE são 40 anos de revolução. Uma proposta que atravessou essas décadas sem perder vigor, sem se esgotar, pelo contrário, uma proposta que, na companhia dos excluídos, a cada ano, com muitos projetos soube beber na fonte, soube se alimentar da experiência, porque os senhores sabem muito bem da rica experiência que é conviver com o povo.

São muitas histórias, são muitos grupos. Pequenos grupos, pequenas comunidades, dividindo também pequenos recursos, mas acreditando que cada pessoa é uma possibilidade e que juntos, porque a maior riqueza, o maior presente que podemos dar para alguém, a maior contribuição para a história de uma pessoa, é conseguir despertar nela a possibilidade de ser sujeito, é animá-la para a organização, para a participação, para o engajamento.

Essa é a história da CESE que acreditou na força de cada homem, de cada mulher, de cada criança, de cada jovem. Mais do que financiar projeto, a CESE apostou em despertar sujeitos capazes de contribuir para a sua história. Assim foi acontecendo o apodramento das mulheres, a valorização do Semiárido, a valorização da juventude, a valorização dos negros, dos índios, a crença de que nós podemos e devemos nos envolver com a busca do direito. E assim plantamos muitas sementes pelo Brasil afora, fez laços com agências, com parceiros em todos os cantos do mundo.

A CESE representa essa existência dedicada ao serviço, não o serviço para, mas o serviço com as pessoas. A luta pelo direito à cidade, a luta pelo direito à terra, à água, a luta contra o racismo, a capacidade grandiosa e rica de promover o diálogo também entre as igrejas, esse vigoroso ecumenismo somando diferenças. E aponta para um mundo diferente em que uma vida digna é possível, a economia solidária é possível, em que podemos acreditar no novo modelo de desenvolvimento que tem na sua essência a possibilidade da cooperação.



Se hoje podemos viver, 40 anos depois, uma nova conjuntura política, sabemos que isso seria impossível sem a participação vigorosa e exigente dos movimentos sociais aos quais a CESE tanto ajudou, tanto colaborou. Sabemos que esse tempo novo com as nossas conquistas nos fizeram enxergar novas possibilidades e de fato concretizar sonhos e possibilidades. Sabemos, através de notícias recentes, da causa indígena, tantos problemas do dia a dia, olhando para o companheiro Stédile aqui na Mesa, o grito da terra, a necessidade da reforma agrária, enfim, cada uma de nós, como de manhã foi dito, carregamos nas mãos a marca da exclusão, da dificuldade, mas carregamos a palma da esperança. Nesse momento olhamos muitos desafios.

Lembro-me, olhando para esse público, que esta Casa é o retrato do desafio que a sociedade enfrenta. Aqui dentro somos minoria quando se fala de mulheres ocupando uma cadeira nesta Casa e assim é no Brasil inteiro. Aqui temos uma sub-representação dos negros mas não temos representação dos indígenas. Então, quando se celebra uma caminhada tão rica, tão plural, tão forte, que nos enche de esperança, a gente também, para sermos responsáveis, olhamos para os nossos desafios.

Quero agradecer muito à CESE que, com os seus 40 anos, com milhares de pessoas de várias gerações, pessoas como Eliane, como outras pessoas aqui enfrentaram duramente a ditadura militar, pessoas que chegaram jovens, mais recentemente, mas todas apontando para todos nós que a CESE está no caminho certo. A CESE precisa inclusive ser mais aclamada, ter mais visibilidade pela força que ela tem de animação, pela contribuição importante que tem dado para a história do nosso País, especialmente essa região que foi escolhida como prioridade porque a desigualdade é mais forte e mais presente nas regiões Nordeste e Norte e a luta é mais urgente.

Quero agradecer muito por terem aceito esse momento conosco. Quero agradecer a cada um de vocês e vou fazer isso, agradecendo na pessoa de Eliane, essa mulher destemida, generosa, serena e tão fiel. Deus lhe dê vida longa, Eliane, e muita força para que você possa continuar nos animando. Você que durante tantos anos é secretária executiva da CESE, representa muito bem essa grande família generosa da comunidade humana.



Há muito coisa para ser falada em pouco tempo. Lembro-me do que Paulo Freire gostava de dizer: “É muita boniteza a história que a CESE constrói nesse grande mutirão que ela faz com a sociedade.”

Vida longa para a CESE! Vida longa para os nossos companheiros, nossas mulheres, nossos grupos, para todos nós, para que continuemos, sem medo, a construir com muita força este País que nós queremos.

Muito obrigada.

Parabéns! (Palmas)



5659-III

Ses. Esp. 06/06/13

Or. Eleni Rodrigues

Sessão Especial do PEC, Criação dos Tribunais Regionais Federais 6ª, 7ª, 8ª e 9ª Regiões, proposta pelo Deputado Elmar Nascimento.

A Srª PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Ouviremos a apresentação da Orquestra do Sertão.

(Apresentação musical.)

A Srª PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Concedo a palavra à presidente da CESE, Eleni Rodrigues Mendes Rangel, pelo tempo de 10 minutos.

A Srª ELENI RODRIGUES:- Exmª Srª Ministra Luiza Bairos, Exmª Srª Secretária Moema Gramacho, Exmª Srª Deputada Neusa Cadore e demais autoridades civis, Exmªs Autoridades Religiosas aqui presentes, Srs. e Srªs Representantes das igrejas associadas à CESE, funcionárias e funcionários, colaboradores da CESE, organismos ecumênicos e agências de cooperação, queridas e queridos companheiros da diretoria institucional da CESE, reverenda Cíbele, reverendo Guilherme, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil; irmã Gírlane, presbítera da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil; D. Gilson, bispo da Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil, a quem eu tenho a honra de representar aqui agora, falando em nome dessa diretoria com a qual temos dividido as lutas, vitórias, conquistas e desafios nesta caminhada, celebrar os 40 anos da CESE, como sua atual presidente, é uma honra, mas falar da trajetória da Coordenadoria Ecumênica de Serviço ao longo de todo este tempo é uma tarefa muito difícil.

(Lê) *“Nascida no dia 13 de junho de 1973 - sim, nascida, e não fundada, pois a CESE era como um rebento que vem à luz depois de uma longa gestação, fruto do compromisso com as lutas do povo brasileiro pela cidadania e do desejo de construir uma organização ecumênica de serviço -, em pleno regime militar, com o objetivo de desafiar as igrejas evangélicas históricas a voltar sua atenção e prioridade para a região mais pobre do Brasil, o Nordeste; também com o objetivo apoiar pequenos projetos que propiciassem o*



desenvolvimento comunitário autônomo, estreitando o diálogo com a Igreja Católica para uma experiência comum.

Menina dos olhos da CESE, o Programa de Pequenos Projetos foi uma posição definida e assumida pela entidade, levando em consideração aspectos tais como o poder multiplicador dos pequenos projetos e sua capacidade de ampliar seu alcance para além da comunidade atendida, de tal maneira que a sua dimensão pedagógica cria, desenvolve e alimenta sua compreensão de ator protagonista nos processos de mudança. Esses pequenos projetos em geral representam iniciativas locais que têm o poder de impedir que o processo de exclusão manifestado de diversas maneiras tenha um efeito mais devastador sobre suas comunidades, uma vez que integram gêneros, etnias e diversos segmentos do campo e da cidade, em função da satisfação de necessidades coletivas.

O papel de agrupar igrejas, agendas de cooperação e movimentos populares levou a CESE a desenvolver habilidades preciosas na facilitação de contatos, oferecendo espaços e subsídios para reflexão, assim como o diálogo e a articulação entre vários atores envolvidos em seu ambiente de ação.

Ao longo destes 40 anos houve muitas mudanças no cenário político nacional e internacional que fizeram com que a CESE desenvolvesse novas estratégias, a fim de captar recursos para continuar a desenvolver seus projetos. Muitas lutas e desafios foram e continuam sendo enfrentados. Porém sua capacidade de enfrentar e buscar novas alternativas para superar cada desafio que surge permanece tão viva e forte quanto em seus primeiros dias.

A CESE tem uma característica muito particular que a diferencia de outras organizações no Brasil. É um organismo ecumênico, assim definido constitucionalmente, mas também tem elementos que a caracterizam como organização não governamental. Isso significa que ela reflete o anseio das igrejas em manifestar concretamente sua fé. Seu maior objetivo é o serviço, a diaconia, partindo das igrejas que a compõem em direção aos movimentos populares.

Jesus veio para que todos tivessem vida, e vida em abundância. Como CESE, desejamos ser manifestação desse propósito divino para todos e todas. Desejamos que os



valores do reino de Deus possam ser expressos através de um compromisso solidário, amoroso e sensível, com todas as pessoas privadas de seus direitos mais fundamentais.

Parabéns, CESE, pelos seus 40 anos. Que Deus continue a usá-la como instrumento para manifestar seu amor a todas as pessoas. Deus é o protagonista da história; que nós, eu, você, sejamos todos bons atores coadjuvantes, juntamente com a CESE, na construção desse espetáculo de vida abundante.”

Obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)



5660-III

Ses. Esp. 06/06/13

Or. Anivaldo Padilha

Sessão Especial do PEC, Criação dos Tribunais Regionais Federais 6ª, 7ª, 8ª e 9ª Regiões, proposta pelo Deputado Elmar Nascimento.

A Srª PRESIDENTE (Neusa Cadore):- Concedo a palavra ao Sr. Anivaldo Padilha, membro da diretoria do Conselho Latino-Americano de Igrejas, região Brasil.

O Sr. ANIVALDO PADILHA:- Boa tarde a todos e todas.

Inicialmente, quero cumprimentar a deputada Neusa Cadore pelo convite para estar aqui presente com vocês. Saúdo a ministra Luiza Bairros, da Secretaria de Políticas e Promoção da Igualdade Racial, da Presidência da República; saúdo também a secretária Moema Gramacho. Por intermédio de vocês, quero saudar todas as autoridades políticas e de Estado que estão presentes, e minha saudação a todos vocês que estão neste plenário, que são companheiros e companheiras de caminhada, de luta, nessas décadas da CESE.

Gostaria de lembrar um fato que mencionei hoje, durante a celebração, sobre as origens da CESE. Sabemos que a CESE foi fundada em 1973. Em 1972, eu estava em Genebra e encontrei com o secretário para a América Latina, do Conselho Mundial de Igrejas, pastor João da Silva. Naqueles anos, eu estava exilado, e conversamos sobre a conjuntura brasileira, sobre a situação das igrejas no Brasil, e me expressei, de forma preocupada, sobre a necessidade de se criar mecanismos para uma ação mais consistente, mais corajosa das igrejas no Brasil frente à ditadura. Ele me deu uma grande notícia: que conversações já haviam sido iniciadas no Brasil para que se criasse uma organização ecumênica, não só de igrejas evangélicas ou não só das igrejas membros do Conselho Mundial de Igrejas, que pudesse dar continuidade ao trabalho das atividades anteriores ao trabalho da Confederação Evangélica no Brasil, que tinha sido invadida pelos militares e praticamente fechada pela ditadura. Seria uma organização mais ampla, pois já havia conversação com a CNBB para que esta também participasse daquela organização. No ano seguinte, descobri que essa nova organização se chamaria CESE.



Lembro desses momentos, pois é importante pensarmos sobre o que acontecia no Brasil em 1972. Todos vivíamos sob o terror do Estado, a ditadura controlava todos os aspectos da sociedade brasileira, todas as instituições, sindicatos, universidades, meios de comunicação, censura, e a repressão era, naquele momento, a mais terrível que o Brasil já tinha sofrido em toda a sua história, talvez com exceção do período da escravidão. Havia somente, talvez, uma instituição, algumas instituições que ainda estava sob o controle da ditadura militar, as igrejas.

Naquele momento, então, da criação da CESE, que conseguiu aglutinar várias igrejas em torno de si, as igrejas se tornaram, realmente, – mencionei isso de manhã – o grande guarda-chuva de praticamente todos os movimentos populares, inclusive dos movimentos de esquerda que estavam na resistência contra a ditadura. Sabemos que a CESE teve um papel fundamental nesse processo de luta contra a ditadura e também na luta pela redemocratização do Brasil. A CESE apoiou comunidades, apoiou grupos, apoiou e continua apoiar as comunidades mais vulneráveis no Brasil, e teve um papel significativo na luta pelos direitos humanos, na luta pela anistia e em várias outras lutas, ou seja, a CESE teve um papel fundamental, juntamente com outras instituições, em outros movimentos da sociedade.

Tivemos várias vitórias, conseguimos a anistia, que possibilitou a volta da Eliana, a minha e de centenas de outros exilados ao Brasil; a libertação de vários presos políticos; e o movimento pelas eleições diretas. Também conseguimos algumas vitórias, não totalmente, a exemplo das eleições e da nova Constituição de 1988. A CESE também teve um papel importante na criação de uma nova Constituição que garantisse, que tivesse na sua base a garantia dos direitos. Portanto, temos muito o que celebrar pelas vitórias que nós conseguimos.

Nós temos de entender também que foram vitórias parciais, a exemplo da Lei da Anistia. A anistia que conseguimos não foi nem plena, nem total, ela foi, na verdade, uma autoanistia, uma anistia que permitiu, que possibilitou, pelo menos até o momento, a impunidade daqueles que cometeram crimes hediondos contra a humanidade. O movimento das eleições diretas também a mesma coisa, tivemos, no ato final do movimento, o grande



acordo para que a eleição fosse indireta, sob controle ainda da ditadura militar. Desde então, temos tido vários outros movimentos, e percebemos que tudo sempre é parcial.

Então, eu gostaria de chamar a atenção para alguns pontos: nós superamos a ditadura militar e superamos a organização e os órgãos de repressão do sistema político que sustentavam a ditadura. É importante pensar que o que nós vivíamos não era uma ditadura qualquer, era uma ditadura que tinha estabelecido no Estado uma estrutura muito forte de repressão.

Na Comissão da Verdade tivemos acesso ao organograma da repressão, organizado e desenhado pelo próprio Exército, que mostrava a ligação direta do Doi-Codi com os ministros militares e com a Presidência da República, ou seja, não eram excessos praticados por policiais da esquina, mas, sim, ordens diretas que vinham da própria Presidência. Isso foi confirmado pelo depoimento do coronel Ustra à Comissão da Verdade, no momento em que ele disse que todas as ordens vinham direto da Presidência da República e que quem deveria estar no lugar dele era o Exército Brasileiro, não ele como pessoa física.

Na nossa investigação na Comissão da Verdade, principalmente no grupo de trabalho que eu coordeno que é de investigação sobre as igrejas, nós já identificamos, por exemplo, o quanto a ditadura espionou as igrejas. São vários relatos de agentes e de informantes que compareciam a cultos e a missas para relatar o que estava acontecendo ali. Portanto, era uma estrutura de repressão.

Creio que nós, em grande parte, superamos isso, mas permaneceu algo que é importante. Devemos ter isso em mente, o que permaneceu foi uma estrutura do silêncio, uma tentativa de manter aquele período no silêncio, na escuridão que aquele período nasceu e permaneceu, para que a sociedade não soubesse. Então, no momento em que estamos vivendo hoje, na Comissão da Verdade, que começa a divulgar os seus achados, no momento em que começam a se organizarem em outras comissões da verdade em várias regiões do Brasil, inclusive, nesta Casa.

Ontem à noite, estive numa reunião com membros da comissão e quero realmente parabenizar a Assembleia Legislativa da Bahia por criar a Comissão da Verdade.



Essa cultura do silêncio era uma das piores inimigas do desenvolvimento democrático no Brasil. Quando nós pensamos que superamos a ditadura, temos que pensar se superamos os seus aspectos políticos. Ela como ideologia permanece muito presente nos corações e mentes de setores importantes da sociedade brasileira. (Palmas)

Eu posso dizer que está presente no coração de empresários, políticos, lideranças políticas, partidos, de, inclusive, movimentos que, formalmente, podemos considerar como movimentos sociais, movimentos de direita neste país.

Desculpe, quero voltar um pouquinho atrás. Como uma pessoa de igreja, eu lamento dizer que nós vemos no Brasil, hoje, é o desenvolvimento, também, de uma direita religiosa nos mesmos moldes da direita religiosa americana. (Palmas)

Então, quando olhamos essa conjuntura, ela se torna bastante preocupante. Nós temos que estar alertas, mas não só alertas, temos que estar ativos. Acho que, não somente a CESE, mas as igrejas que compõem a CESE, os movimentos que têm relações com a CESE podem cumprir um papel bastante importante, que é o de levantar, novamente, a bandeira da democracia, a bandeira da liberdade, a bandeira contra o autoritarismo e contra todas as formas de preconceito e todas as formas de intolerância, que vão desde a intolerância política até as intolerâncias contra as diversidades sexuais, a diversidade étnica e a diversidade religiosa. (Palmas)

Não quero me alongar, mas quero deixar aqui este apelo, que na medida em que vamos avançando outras forças também se reorganizam e se manifestam. É importante pensar que na medida em que vários setores das chamadas minorias foram conquistando seus direitos, as mulheres, as comunidades LGBT e outros foram conquistando direitos, nós vemos uma reação contrária. Podemos estar certos de que à medida em que vemos setores populares conquistando direitos, tendo sua situação de vida melhorada, as reações também acontecem.

Podemos ter a certeza de que à medida que nós na Comissão da Verdade avançamos e aprofundamos as pesquisas e investigações, dando continuidade a sua divulgação, nós vamos receber uma reação muito mais forte e violenta daqueles setores que



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA

hoje realmente ainda sonham com um regime totalitário e autoritário em nosso país.

Muito obrigado pelo tempo e muito obrigado pela atenção.

Vida longa para a CESE e para todos nós.

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)



5661-III

Ses. Esp. 06/06/13

Or. Marizélia Carlos Lopes

Sessão Especial do PEC, Criação dos Tribunais Regionais Federais 6ª, 7ª, 8ª e 9ª Regiões, proposta pelo Deputado Elmar Nascimento.

O Sr. PRESIDENTE (Neusa Cadore):- Convido para a Mesa o deputado Yulo Oiticica, que é o primeiro vice-presidente desta Assembleia Legislativa.

Registro e agradeço a presença dos deputados federais Emiliano José e Luiz Alberto e do deputado estadual Pastor José de Arimatéia.

A Srª PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Concedo a palavra à Sr. Marizélia Carlos Lopes, do Movimento de Pescadores e Pescadoras Artesanais, pelo tempo de 10 minutos.

A Srª MARIZÉLIA CARLOS LOPES:- Boa tarde a todos e a todas, ou a gente pode mudar a ordem, a todas e a todos. (Palmas)

Gostaria de iniciar a minha fala nos apresentando um pouco. Quem somos? Quem são os pescadores e pescadoras no Brasil? São pescadoras quilombolas, como eu, somos pescadores indígenas e pescadores pescadores. Isso para dizer e justificar onde estamos e, também, lembrar do apoio da CESE em relação ao que está acontecendo com a gente.

Onde é que estão os quilombolas, onde é que a gente mora: os pescadores indígenas e os pescadores pescadores? Na beira dos rios, na beira do mar, nas matas. Então, todos nós aqui também estamos vendo onde está a especulação, os olhares do dito desenvolvimento do País. Exatamente nessas áreas: na beira dos rios e no mar.

Isso para chamar a atenção de que quando a gente fala de exportação, aí vêm os grandes projetos, que estão sendo alardeados como desenvolvimento do País, que são a criação de grandes portos, a ampliação dos portos que já existem. Se tivéssemos mais tempo, poderíamos trazer aqui muitos exemplos na Bahia, em Pernambuco, no Ceará, em todo o Brasil.

A gente pode também falar das barragens, por isso quis chamar a atenção para quem somos nós e onde estamos. A própria mídia, que na maioria das vezes fica contra nós, também tem mostrado para a sociedade o que está acontecendo e onde estão os conflitos.



Então vemos, também, as grandes especulações em relação aos minérios, com as mineradoras chegando com toda força. E onde está essa especulação?

No mundo da pesca tem uma coisa nova para a gente, que está vindo com toda força, que é a aquicultura em grande escala. Trazendo para o mundo rural, é o mesmo exemplo da privatização da terra, agora querem privatizar as águas. O projeto do governo federal é a criação de todas as espécies de pescado. Por quê? Para diminuir a quantidade de pescadores e pescadoras, diminuir a nossa produção, para não reparar o passivo histórico que este País deve à gente. Então, nega-se a pesca artesanal e cria-se todas as espécies, como se não existíssemos.

Aí, também justifica a degradação do meio ambiente, porque vamos avançar com os grandes projetos.

E como justificativa, como solução para a diminuição do pescado, para o sumiço do pescado da pesca artesanal, que tem mais qualidade e uma importância maior na nutrição, vão privatizar as águas.

Isso tem-nos assustado muito, porque, igual a todos os outros empreendimentos que a gente já trouxe exemplos aqui, nós não somos ouvidos. Quando somos ouvidos é para legitimar o projeto que já está para acontecer.

Então, assim, como hoje é momento de festa, para nós é muito importante também registrar o apoio que a CESE tem nos dado. Assim, ao falar da CESE, às vezes, com tão pouco em recursos, reconhecemos que a instituição consegue fazer um bem tão grande para as nossas comunidades e para as nossas vidas. Então, a gente vê a CESE como um incentivo para continuar resistindo. A gente vê a CESE durante esses 40 anos. Então a gente comemora este aniversário como um grãozinho mas que tem uma importância tão grande para nós, porque, sem o apoio da CESE, com certeza, a coisa seria muito mais difícil e teríamos menos condições de continuar resistindo.

Então, cada um de nós, que conhece a CESE, sabe o papel fundamental que tem feito em nossas comunidades e em nossa formação. Outro dia, Rosana e Viviane brincavam comigo dizendo que, com este espaço de formação que temos e que a CESE tem nos apoiado, vemos a transformação de nós mesmos.



Se este evento fosse há 15 ou 20 anos, com certeza, eu não estaria aqui, porque, a essa época, eu ainda estava com as vendas nos olhos por acreditar que, realmente, esses grandes empreendimentos iriam trazer algum recurso ou algum retorno para nós enquanto comunidades tradicionais. A gente tem vivido uma conjuntura muito desfavorável. A gente tem vivido uma conjuntura muito desigual.

Iniciamos esta sessão ouvindo o Hino Nacional. Infelizmente, não consigo mais cantar com o mesmo entusiasmo de antes, melhor, não consigo mais cantar o Hino Nacional, porque o País está nos excluindo deste processo de desenvolvimento uma vez que a gente não tem conseguido pautar a nossa insatisfação.

E quando a gente consegue falar, escutam-nos. Porém não traz mais nenhum efeito para a gente. Parece que estamos falando para o vento ou para nós mesmos, porque a ideia é o crescimento, a ideia é dinheiro. Temos a sensação de que nós somos invisíveis. Entenderam? O projeto não nos enxerga. O País não nos enxerga. Não estou falando nenhuma mentira. Não estou contra o progresso por estar, simplesmente, contra. (Palmas) Estou aqui para registrar que nós, infelizmente, não nos reconhecemos neste modelo.

Então, assim, aproveito este momento para parabenizar e, ao mesmo tempo, dizer o quanto é importante o apoio que a CESE tem nos dado e, com certeza, continuará nos dando. Vejam, Babau e o companheiro do MST sabem que a gente tem uma luta muito árdua pela frente. E, cada vez mais, esta luta tem-se acirrado, porque tem-se articulado, igual aos movimentos sociais, uma articulação maior em querer mesmo exterminar nosso povo.

Parabéns a CESE. Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)



5662-III

Ses. Esp. 06/06/13

Or. João Pedro Stédile

Sessão Especial do PEC, Criação dos Tribunais Regionais Federais 6ª, 7ª, 8ª e 9ª Regiões, proposta pelo Deputado Elmar Nascimento.

A Srª PRESIDENTE (Neusa Cadore):- Concedo a palavra a João Pedro Stedile, membro fundador da direção nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

O Sr. JOÃO PEDRO STEDILE:- Boa-tarde, companheiros e companheiras. Estou muito feliz em poder participar desta atividade. Felicito a deputada por esta iniciativa de comemoração, embora convenhamos, talvez, não fosse este o melhor lugar para reunir o povo da CESE. Mas faz parte da conjuntura já que, tradicionalmente, as Assembleias Legislativas não têm sido lugar do povo brasileiro (palmas) e muito menos a Câmara dos Deputados que virou um verdadeiro supermercado.

Mas não venho aqui para falar mal dos outros. Vou falar bem de nós.

Estou feliz, porque o nosso movimento e os diversos movimentos do campo fazem parte da história da CESE. Já, desde hoje pela amanhã, estamos fazendo várias reflexões coletivas. Nós temos a consciência de que a CESE teve nesses 40 anos um papel muito importante, porque ela esteve o tempo inteiro vinculada umbilicalmente com o movimento da sociedade. Quando o povo brasileiro sofria com a ditadura, o espaço da CESE, como bem lembrou Padilha, era o espaço da resistência e da reorganização. Depois, no segundo momento, no reascender do Movimento de Massas, a CESE teve um papel de madrinha da maior parte dos movimentos que surgiram no Brasil: do MST, do movimento de Mulheres, Quilombolas, povos Indígenas, etc.

Nessa parceria, nessa comunhão permanente da CESE com a sociedade brasileira, tenho que trazer aqui um testemunho da nossa vivência, como MST, pelo menos, de que a CESE, nessa parceria, construiu valores fundamentais que permeavam a sua prática e que fomos incorporando como movimentos.

Primeiro foi de considerar como prioridade o trabalho da educação popular como uma arma do povo. Ter conhecimento, conhecer a realidade para poder transformá-la.



Segundo é essa vocação da CESE, que faz muito bem para todas as igrejas, de não substituir o povo, de garantir o protagonismo popular. Todas as parcerias da CESE sempre foram nesse sentido de onde está o povo e o que o povo vai acumular como organização e como capacidade de gestor e de interferência na sociedade brasileira. E o terceiro valor é a solidariedade, não como uma palavra vazia, demagógica às vezes, mas a solidariedade como um princípio de vida que deve ser o pilar da sociedade que nós vivemos. (Palmas)

Pois bem, fizemos essa caminhada de 40 anos. Eliana, te prepara porque vêm outros 40 anos por aí, talvez, até mais difíceis, porque como disse a companheira que me antecedeu, que agora também está na Via Campesina, a sociedade brasileira continua em disputa entre dois grandes projetos, o projeto do Capital e o projeto do Trabalho. O povo brasileiro conseguiu no governo federal barrar o neoliberalismo, e resultou em um governo de composição que não é um governo dos trabalhadores, não é um governo de esquerda, mas é um governo possível para o estágio da consciência do nosso povo.

Mas isso está sendo insuficiente para barrar a ofensiva do capital sobre os recursos naturais, sobre os meios de comunicação, sobre o Poder Judiciário. E é isso que agora nós temos que agarrar como movimentos sociais, temos que transformar aquelas nossas lutas locais de base e construir uma unidade em torno de um novo projeto político. Politizar os movimentos sociais para poder enfrentar essa ofensiva da direita e do capital.

É por isso que nós estamos construindo uma plenária nacional dos movimentos sociais, da qual participam todas as correntes, a mais ampla possível. Estamos definindo uma pauta comum, que é o que nos dá unidade, mais além daquelas obrigações que temos como movimento social, que é uma pauta política para todo o povo. A pauta de unidade que conseguimos é em primeiro lugar, lutar por uma reforma política neste país. Enquanto não houver financiamento público, essas casas vão estar cheias de vendilhões do templo, como estava anunciado lá no Evangelho.

Portanto é fundamental uma reforma política para a democracia. Segundo, uma reforma dos meios de comunicação. Não podemos admitir que a Globo minta todos os dias, toda hora, para o nosso povo. Hoje, num táxi, vim ouvindo os comentários de Alexandre Garcia, e eu não tinha para quem dizer: “Este cara está mentindo, é um bestalhão, é um



vendilhão, é um crápula, porque o povo não pode falar, só a Globo pode falar, e quando digo a Globo, refiro-me ao capital. E não vamos ter uma sociedade democrática se não fizermos uma reforma dos meios de comunicação, como diz a proposta da Conferência do Fórum Nacional de Democratização dos Meios de Comunicação. (Palmas)

O terceiro ponto de unidade é a reforma do Poder Judiciário. O Poder Judiciário ainda não chegou na República, Eliana! É um Poder monárquico, pessoal, elitista! (Palmas) O ex-presidente do STF incensado com medalhas e honores por tudo quanto é elite pelo Brasil, ascendeu ao mais alto cargo do Poder Judiciário deste País sem nunca ter feito uma prova, um concurso, uma seleção!

Portanto, quem sobe na carreira do Judiciário neste País são os puxa-sacos, quando eles puxam o saco do capital, eles crescem. Nenhum deles foi testado nas urnas nem no conhecimento dos concursos. E esse tipo de Judiciário só serve contra o povo. Temos que fazer uma reforma do Judiciário, pois há várias propostas, de iniciativa da CNBB, das igrejas, lá no Senado.

E por último, para não abusar de vossa paciência, mas aceitando a provocação da minha companheira da Via Campesina, temos que fazer uma luta contra essa ofensiva do capital sobre os recursos naturais. Leve, Luiza, lá para os teus colegas: não pensem que nós estamos dormindo, não vamos aceitar que o governo Dilma retome a agenda da privatização, seja dos portos, seja das minas, seja dos leilões de petróleo. O petróleo é nosso. O minério é nosso. Os portos são nossos e o aeroporto é nosso. (Palmas.) É isso que vai dar unidade para o nosso povo. Assim como nós, lá do campo, queremos uma reforma agrária e uma agricultura familiar, que é a proposta do trabalho frente à ofensiva do capital internacional, que quer tomar conta da nossa agricultura.

Termino fazendo uma denúncia, porque acho que é nossa obrigação, nós, que estamos no campo. O Nordeste viveu os dois anos de maior seca da sua história, estima-se que se perderam 18 milhões de cabeças de gado nesse processo, a presidenta Dilma mandou comprar milho para salvar pelo menos o nosso rebanho. A Conab fez dez editais, não encontrou milho, porque a Cargill e a Bunge exportaram para os Estados Unidos 18 milhões de toneladas de milho nosso. Esse é o modelo do agronegócio, que se baseia só no lucro e



não nas necessidades do nosso povo! E é por isso que o modelo do agronegócio é um modelo que dá lucro, mas é perverso, é insustentável do ponto de vista ambiental e social.

Portanto, Eliana, pode fazer mais um semináriozinho para a CESE, que nós temos muitos temas a debater, para seguir por mais 40 anos a nossa luta do povo.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



5663-III

Ses. Esp. 06/06/13

Cacique Babau

Sessão Especial do PEC, Criação dos Tribunais Regionais Federais 6ª, 7ª, 8ª e 9ª Regiões, proposta pelo Deputado Elmar Nascimento.

O Sr. PRESIDENTE (Neusa Cadore):- Registramos a presença do deputado estadual Sargento Isidório, do deputado estadual Marcelino Galo, do presidente estadual do Partido dos Trabalhadores, Jonas Paulo, e da presidenta do PT de Salvador, Marta Rodrigues. (Palmas)

Dando continuidade, concedo a palavra a Rosevaldo Ferreira da Silva, Cacique Babau. (Palmas)

O Sr. CACIQUE BABAU:- Costumo iniciar a minha fala com o canto do meu povo, um grito de guerra, mas não vou gritar, não vou cantar porque nos últimos 20 dias dois parentes foram assassinados pelo governo e quatro hospitalizados pela Polícia Federal, o que é muito grave.

Estou aqui, hoje, é uma honra muito grande, eu, cacique Babau, do povo tupinambá, representando todos os povos indígenas do País, aqui com a CESE, que é uma parceira que nunca nos esqueceu, nunca nos abandonou. Sempre que a gente teve dificuldade com a porcaria de uma tutela do governo federal sobre nós, que não dava acesso a nada, nem a nós poder andar, mas uma simples carta escrita, pedindo um favor, um pequeno gesto de um recurso para podermos fazer uma pequena reunião a CESE sempre atendeu sem exigência de nada, com um simples escrito, uma simples solicitação.

Isso fez com que nós, na Serra do Padeiro, iniciássemos um encontro com os jovens, junto com o CIME e a CESE, que chegou, no último ano, a 1 mil e 256 jovens reunidos, debatendo seus problemas. Isso é que é ser grande, não é CESE? Seus projetos são grandiosos, são fabulosos.

Mas não é só nós, os jovens não. As mulheres do CIME Leste, com o apoio da CESE, com esse valoroso projeto da CESE para nós, fizeram o último encontro com 700 e poucas mulheres indígenas, quilombolas, sem-terra, todos juntos debatendo a problemática



que está acontecendo hoje, a exclusão social que esse País nos provoca e nos empurra... Então, estão criando uma nova periferia para os povos que, realmente, precisam ter vez neste País. Mas a CESE está junto com nós. Parabéns, CESE, você vai estar mais outros 40 anos junto com nós.

Diante disso, eu tenho também o meu discurso crítico como todos os outros que aqui chegaram.

(Ele fala na língua indígena.)

Ou seja, nossa terra, nossa água, nossa mata, nossa serra, nosso lugar de origem, onde vivemos está sendo saqueado pelo poder do governo, está sendo violentado por cima da Constituição e de tudo que se vê, e nós, povos indígenas, não vamos cruzar os braços, não vamos nos render às armas do governo federal. Antes, quem tentava nos abater era pistoleiro de fazendeiro, agora, não, o governo tem seus próprios capangas armados para mandar matar nós, para impor um sistema ridículo em cima de nós, povos indígenas. E o que mais amamos é a nossa origem, a nossa terra, a nossa água e as nossas matas. Quem tem isso tem vida e tem Deus; sem isso, não tem vida e nem tem Deus. Estão todos aqui presentes.

Quando um governo arbitrariamente tenta mexer com a lei da natureza, a natureza vai dar o troco e todos vão sentir. Os poderosos também vão cair junto. Por que eles são poderosos? Porque tem uma ruma de pobre comprando deles, tudo o que eles produzem.

Temos que repensar, temos aqui vários deputados, nós estamos numa situação crítica porque o Brasil foi invadido há 500 anos e feita uma colonização forçada em cima dos povos indígenas e trazidas à força várias nações africanas para serem escravizadas aqui dentro.

Agora, chegou um desgraçado de um governo, eu falo desgraçado porque não é o governo que a gente elegeu, porque votamos num PT, votamos num partido que veio para nos ajudar a combater a violência que a gente vinha sofrendo. Não foi isso que nós votamos, não foi nessa mulher devastadora que votamos, nós votamos numa política de governo que nós acreditávamos. Nunca acreditamos nela, mas nós acreditamos que ela ia honrar esse País que acolheu o pai e a mãe dela quando vieram de outro país para cá, para o seio de nossa terra.



Mas entrar aqui e mandar a polícia nos dizimar, fazer uma espécie de nova colonização social em cima dos povos indígenas!... É uma colonização em cima de nós, indígenas, porque todos os povos da região amazônica que têm terra demarcada, preservada e que está lá, ela está tocando usina hidrelétrica em cima, porque isso força abrir estradas, linhas de transmissão, integrar o povo à sociedade. Ninguém vai acreditar que o Brasil precisa dessas usinas hidrelétricas dentro das terras indígenas, duas lá do Urucum e outras lá em outros povos, que está a mais de 800 quilômetros da sociedade, índios isolados. Isso é querer integrar um projeto antigo de lei, que era para integrar todos os índios na comunhão nacional e forçar o que há 500 anos o povo vem tentando escravizar-nos e botar para nós servir a fazendeiro, servir à empresa. E nós sempre nos recusamos. E vamos continuar nos recusando.

Queremos as terras indígenas demarcadas, não queremos que a Funai seja extinta, não queremos outros órgãos no processo de demarcação, porque a Funai demora 30, 40 anos para demarcar uma terra, que já é moroso. O INCRA está aí e não demarca as terras dos quilombolas. Precisamos devolver a terra aos donos da terra, que é realmente quem precisa da terra. Os parentes Terena, meus parentes Terena, eu estive no Mato Grosso do Sul, fiquei uma semana reunido no Mato Grosso do Sul, eu e o cacique Nailton-Pataxó, e lá é que é violência. Todo mundo domina tudo, agora os índios aprisionados, cinco mil índios terenas lá no Buriti, e mil quinhentos hectares de terras. Cinco mil índios!

E aquele fio da peste daquele fazendeiro tem cinco mil hectares de terras, ele sozinho. E na hora que os índios retomam para ter espaço para trabalhar e criar os filhos, a imprensa e todo mundo, inclusive o governo, com esse racismo governamental que ele tem, não divulga que aquele fazendeiro que está matando cinco mil seres humanos indígenas deste País. Ele sozinho domina cinco mil hectares de terra, em compensação os Terena está lá sendo massacrados. E a imprensa divulga só a briga; “Índio retoma...” “Índio está em guerra retomando...” “Fazendeiro é expulso de suas terras...” “O agronegócio, o lugar que deu certo a agricultura está sendo violentado pelos índios...” Mas não fala que tem 46 mil índios Guarani-Kaiowá aprisionados em menos de três mil hectares de terra, sendo assassinados por



fazendeiros, os filhos atropelados por carros de fazendeiros, e o povo chora na hora que vê os enterros.

O que está acontecendo? Será que os nossos deputados estão dormindo? Luiz Augusto Alberto, votamos em você, visite o Mato Grosso do Sul. Faça por nós o que nós não estamos podendo fazer. (Palmas)

Olhe o regime de morte e exceção que eu encontrei no Mato Grosso do Sul chega a ser pior do que no Estado da Bahia. No Estado da Bahia não se demarca terra indígena, mas, pelo menos, estamos tendo acesso às políticas públicas junto ao governo Wagner. As terras indígenas estão paradas, estamos sendo violentados, também em nossos direitos precisam avançar. Mas aqui, diante do que está acontecendo no Mato Grosso do Sul, lá é tão grave... Eu vou usar o espaço da CESE aqui, eu sei que ela é generosa e vai permitir. Eu quero que o deputado Yulo, a deputada, que parece que tem um bom coração, porque abriu esse espaço para homenagear a CESE, Luiz Augusto Alberto e outros deputados que estejam aqui, peguem uma verba de vocês e aluguem uns cinco ônibus para a gente subir para o Mato Grosso do Sul com os índios para ajudar nosso parentes. Peço rapidamente! (Palmas)

Porque se engana a presidente Dilma, e essa tal Gleisi Roffmann se engana que nós povos indígenas vamos cruzar os braços diante das atrocidades. Se tombar mais um parente da gente, a gente vai partir tudo para o Mato Grosso do Sul e vai tomar tudo que nos é de direito. E também vamos marchar para outros Estados. Nós não queremos uma guerra, mas se o governo puxar ela para cima de nós, vai ter. E nós Tupinambás gostamos de liderar guerra, e não temos medo de morrer. Nunca tivemos. Estamos vivos neste País. (Palmas)

Obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)



5664-III

Ses. Esp. 06/06/13

Or. Yulo Oiticica

Sessão Especial do PEC, Criação dos Tribunais Regionais Federais 6ª, 7ª, 8ª e 9ª Regiões, proposta pelo Deputado Elmar Nascimento.

A Srª PRESIDENTE (Neusa Cadore):- Queremos registrar a presença de Celso Dourado, fundador da CESE, a presença do Bispo Paulo Ayres, de Recife, a presença de Dom Manoel João Francisco, presidente do Conselho Nacional de Igrejas, a Associação de Moradores do Conjunto Santa Luzia, a AFPEB, o Sr. Ataíde Lima de Oliveira, chefe de gabinete da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial, que aqui representa o Secretário, Sr. Elias Sampaio, a Camapet, o Movimento Levante Popular da Juventude e o Grupo de Jovens Liberdade-Já.

Dando continuidade, concedo a palavra ao deputado Yulo Oiticica, que é vice-presidente desta Casa.

O Sr. YULO OITICICA:- Boa-tarde a todos e todas.

Quero saudar a Mesa na pessoa da proponente desta sessão, deputada Neusa Cadore, e a nossa ministra, que tão relevantes serviços tem prestado ao nosso País, de um modo especial, mostrando o carinho inevitável que tem pela nossa Bahia e sempre estando presente ao debate, à formulação e gestão de novas políticas públicas. Saúdo também a todos e todas.

É duro, Stédile!

Quero primeiro dizer à deputada Neusa que bom que esta homenagem é neste espaço, porque é óbvio que uma homenagem de quatro décadas tem de acontecer no máximo de espaços possíveis. Mas é bom que aconteça, Adriano, também neste espaço, porque aqui, quando definimos há 30 anos criar, presidente Jonas Paulo, o Partido dos Trabalhadores, poderia ser representada o que nós a partir dali entendíamos, brasileiros e brasileiras, que era a luta operária, a luta intelectual da universidade, a luta dos movimentos sociais, a luta das igrejas que ia transformar o Brasil! Então parte considerável da sociedade, partindo desses



movimentos, constrói o partido determinado a fazer parte dos instrumentos da burguesia, mas não para repetir o que ela fazia.

Não têm sido fáceis estas décadas do Partido dos Trabalhadores. Mas quero dizer que nós temos tido, Stédile, em momentos muito difíceis a coragem de subverter a ordem dentro desse instrumento da ordem.

Este companheiro que está do seu lado foi preso, teve decretada a prisão por um juiz alegando uma série de crimes, entre eles homicídio, porte de arma, etc., etc.

Esta liderança indígena, o cacique Babau, veio aqui para a sede da Polícia Federal. Nós tentamos visitá-lo à noite. O superintendente sugeriu que o visitássemos no dia seguinte porque ele tinha acabado de chegar, estava se acomodando, etc. Entendemos e deixamos para vê-lo no dia seguinte, quando o superintendente da PF se escondeu, disse que não estava lá. Impediu que dois deputados desta Casa visitassem o líder índio nas carceragens da Polícia Federal do Estado da Bahia, dando uma demonstração de que mesmo nos dias de democracia brasileira a gente vive ainda a existência de presos políticos, porque quando deputados, lideranças são impedidos de visitar um preso é porque ele é preso político. E foi o que aconteceu com Babau.

Como se não bastasse, dois dias depois, esta figura extremamente perigosa que vocês estão vendo foi transferida na calada da noite para um presídio de segurança máxima em Mossoró, no Rio Grande do Norte. Ficou preso por mais de 40 dias, e depois aquele juiz federal criminoso e irresponsável revogou a prisão. Quando Babau estava voltando, ainda no voo - portanto, ainda no ar - foi decretada novamente a prisão pelos mesmos crimes, agora por um juiz estadual. E o cacique vai para as carceragens de um presídio no interior do Estado sem ninguém saber. Nem o governador, nem o secretário, nem o superintendente dos presídios. Isso na semana em que tinha saído uma reportagem numa revista semanal sobre o valor da cabeça de Babau pago por fazendeiros do Sul e Extremo Sul da Bahia.

Felizmente nós, de forma extraoficial, descobrimos e entramos no circuito. Aí, Babau foi transferido para um presídio em Salvador. E depois o juiz estadual tão criminoso, tão irresponsável, revogou a prisão por ausência total de provas. Como se não bastasse, durante a prisão de Babau em Mossoró, seus companheiros e parentes conseguiram expulsar



alguns capangas de fazendeiros da Serra do Padeiro, no município de Buerarema, onde também outros companheiros vivem. E lá ficou um monte de armas desses capangas.

Várias instituições, a Apoinme e diversas organizações de Direitos Humanos tentaram ir lá pegá-las. E se mandou um ofício para a Superintendência da Polícia Federal na Bahia.

E, secretária Moema, a Polícia Federal na Bahia, de forma cínica, respondeu ao ofício dizendo o quanto valia cada arma na campanha do desarmamento, porque, assim, poderia pegar as armas e ter uma prova material do porte ilegal de armas, porque as armas seriam dos índios.

Tivemos que aprovar, Stédile, uma ida da Comissão de Direitos Humanos desta Casa à Serra do Padeiro sem dizer que existia arma. Sem contar essa conversa, fomos lá, saímos daqui de carro. Sete deputados assumiram fazer essa visita, e só um não apareceu. Nós fomos até lá e, por acaso, descobrimos as armas. É o que consta no relatório oficial da visita. Colocamos as armas na mala do carro, 12 ou 13, entre elas pistolas, escopetas etc. Se a Polícia Federal pegasse era deputado da Comissão de Direitos Humanos com arsenal na mala do carro. Felizmente, não pegou. Chegamos aqui de madrugada. Ligamos para o secretário da Segurança Pública, não para a Polícia Federal, e fomos lá, na madrugada, entregar as armas, todas catalogadas.

Quando a CPI da Violência no Campo veio à Bahia o superintendente da Polícia Federal disse que não conhecia essa história. E Babau veio me falar e eu disse: – Mande ele fazer um ofício para mim, dizendo para mandar esse relatório, que eu vou fazer um ofício dizendo a ele que não vou dar.

Essa ainda é a democracia que a gente vive!

Quando a gente for lembrar do velho barbudo, vamos facilmente identificar quem tem o poder: são aqueles que têm o meio de produzir riqueza. Portanto, ainda nas mãos dos mesmos.

Diante dessa democracia, a nossa tarefa é radicalizá-la, e radicalizá-la pressupõe ocupar esses espaços dessa forma como Babau ocupou, e em outros momentos.



Vale lembrar, deputado Marcelino Galo, que está aqui e lembra muito bem disso, há pouco tempo a gente vinha ocupar esta Casa, lideranças com a militância do MST, e a, aproximadamente, 700 metros antes de chegarmos a esta Casa a Polícia Federal a cercou e vários companheiros nossos foram agredidos.

Portanto, ocupar esta Casa, para nós, é emblemático, é importante. E a CESE teve um papel fundamental para que isso acontecesse. E fico muito a cavaleiro para dizer isso porque também sou filho das Comunidades Eclesiais de Base, assim como a deputada Moema Gramacho, filha de uma família de 20, que nasceu no Pelourinho, nesta cidade, e tinha dificuldade, certamente, para comer três vezes ao dia, e que, antes, deputada nesta Casa, hoje, secretária de Estado, começa a ocupar os espaços de poder. Portanto, para nós, é fundamental ocupar os espaços de poder.

Mas eu não tenho dúvida, Stédile, que a nossa tarefa ainda está muito distante de ser festejada como alcançada. E como você fala, infelizmente, a gente tem que fazer as palestras no curso de Direito. Por exemplo, quando Babau vai e falam em democracia, a gente tem que dar risada e perguntar: Onde é que tem isso? Onde é que existe isso?

E você tem que abalar seu coração, como nós, ao ver o cinismo de tantos especialistas extraordinários da *Globo News*, da *Globo* e tantos outros, que sabem de tudo, que são capazes de dar aula de tudo. Inclusive, agora dão aula extraordinária de como combater a violência, como reduzir a delinquência juvenil, que é reduzindo a maioria penal. Que coisa extraordinária!

E agora, em nossa cidade, infelizmente, teleguiada por grande parte, senão todos, dos grandes meios de comunicação, que têm como objetivo vender geladeira – obviamente, esse é o grande objetivo dos meios de comunicação –, 98% da população da capital da Bahia é a favor da redução da maioria penal. Que pena! Que pena que tantos, em vez de garantir direitos, escola mais cedo, direitos sociais, cultura, esporte mais cedo, estão pensando em colocar mais cedo nossas crianças na cadeia.

E a gente ouve dizer por aí que este é o país da impunidade. Impunidade para quem? A segunda maior população carcerária do planeta está no Brasil, só perde para os Estados Unidos. E lá, quanto mais presos melhor; todos os presídios são privatizados e



quanto mais presos, mais lucro. A segunda maior população carcerária está aqui. Agora, quem são os presos? Negros, pobres, em sua maioria jovens. Mas quando um adolescente comete um crime os grandes meios de comunicação se apavoram.

Segundo o mapa de combate à violência, e o deputado Luiz Alberto sabe muito bem disso, porque tanto debateu, 8.600 crianças e adolescentes foram assassinados só no ano de 2011, secretária. E isso não fez a *Globo* se indignar, mas faz a *Globo* se indignar a necessidade de colocar as nossas crianças mais cedo nos presídios.

Portanto, muito ainda temos para avançar. Reduzir a idade penal é mais uma dessas ofensivas violentas da burguesia, que quer colocar aqueles que já estão. A cada 3 homicídios no Brasil, eu vou concluir, 2 são jovens de 15 a 29 anos. Que pena, que tantos senadores, e não são poucos, que tantos deputados federais, e não são poucos, envergonhem o nosso Brasil, quando em vez de discutirem a responsabilidade de um Estado que ainda não é capaz de pagar a dívida, quer colocar nossas crianças mais cedo na cadeia. E nós sabemos quem irá, se tiver prisão perpétua, quem irá para a cadeira elétrica e quem irá mais cedo para a cadeia, não serão aqueles que não estão, são aqueles que já estão, no dia a dia.

E eu concluo dizendo do desafio que tem a Moema Gramacho e essa secretaria, e a nossa companheira Aricelma Pereira na direção da Fundac, que é a Fundação da Criança e do Adolescente do Estado da Bahia. Em Vitória da Conquista, que é a terceira maior cidade da Bahia, estão querendo fazer uma casa da Fundac. Lá, a preocupação da maioria é uma casa para prender os meninos, e a nossa preocupação é que os meninos, em conflito com a lei, que cometem pequenos delitos – só 1% dos homicídios no Brasil são praticados por adolescentes –, esses são, primeiro, presos, depois são carimbados na testa e, logo, logo, assassinados pelo Estado, infelizmente, pela Polícia.

Obrigado. Temos muito para rezar e para lutar. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



5665-III

Ses. Esp. 06/06/13

Or. Luiza Bairros

Sessão Especial do PEC, Criação dos Tribunais Regionais Federais 6ª, 7ª, 8ª e 9ª Regiões, proposta pelo Deputado Elmar Nascimento.

A Srª PRESIDENTE (Neusa Cadore):- Registramos a presença da deputada Maria del Carmen; do deputado Álvaro Gomes; de Maria Helena Souza, que aqui representa a senadora Lídice da Mata, a senadora fez um pronunciamento, em Brasília, nós vamos entregar posteriormente; registrar a presença de Roberval Carneiro, presidente do Centro Comunitário de Pintadas; João Gonçalves, presidente da Associação Paulo Ricardo; Elias Vieira, presidente da Rede Pintadas; representação do GAPA-Bahia; da Associação Vida Brasil; da empresa CRIA; do Conselho Latino-Americano de Igrejas; da empresa Yami-Iteba; de Fátima Froes, Diretora-Geral da Fundação Pedro Calmon; do Pastor Cláudio Silva – Igreja Presbiteriana Independente; da União Nacional para Moradia Popular; da Rede Ecumênica da Juventude; de Dom Maurício Andrade, da Igreja Anglicana; e Odja Barros, Presidente da Igreja Aliança Batista do Brasil; do Bispo Emérito Jupe Neves; da Direção Nacional do MST e do Conselho Indigenista.

Dando seguimento, nós convidamos a Orquestra do Sertão para mais uma apresentação.

(Apresentação da Orquestra do Sertão.) (Palmas)

A Srª PRESIDENTE (Neusa Cadore):- Convido para se pronunciar a ministra Luiza Bairros, da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República. (Palmas)

A Srª LUIZA BAIROS:- Boa-tarde a todas e a todos. É um prazer muito grande estar aqui celebrando junto com todos vocês esses 40 anos da CESE que nos permite voltar um pouco no tempo, revisitar essa história, avaliar a importância dessa história na nossa própria trajetória política, na trajetória política dos vários movimentos sociais do Brasil e, mais particularmente, no Nordeste e na Bahia.



Eu quero portanto felicitar a deputada Neusa Cadore pela iniciativa desta sessão especial. E, na pessoa da deputada, cumprimento todos os demais deputados e deputadas estaduais e federais aqui presentes. Cumprimento a Mesa através da nossa homenageada que é a CESE e que está representada, não só pela sua presidenta, mas também por Eliana Rolemberg a quem gostaria de deixar um abraço muito especial. E cumprimentando Eliana, também abraço toda a equipe da CESE que acho que tem um papel que é fundamental em todo esse processo; Zanete, Dimas, Rosana, Viviane, Lu e todos os demais que eu possa ter esquecido o nome, mas se sintam representados nessas pessoas. Cumprimento também os doadores das igrejas das diversas denominações que tornaram possível essa experiência chamada Coordenadoria Ecumênica de Serviços.

Muito já foi dito aqui sobre, como disse a presidenta, o nascimento da CESE em 1973, a trajetória que ela teve e o papel político que desempenhou, especialmente no período da ditadura militar. Por conta disso, eu prefiro mais fazer um pequeno depoimento do que a CESE representou para o movimento negro principalmente, que é um movimento dentro do qual eu me formei, ou amadureci politicamente.

E enquanto as pessoas falavam, eu fiquei lembrando-me um pouco de como essa relação do Movimento Negro começou com a CESE, pelo menos aqui na Bahia. Ainda era Enilton o secretário executivo da CESE na época, e quem o conheceu sabe que ele não era uma pessoa muito fácil. Quem o conheceu lembra. Era muito interessante, Luiz Alberto, hoje deputado, nós vivemos juntos essa experiência. Na verdade, através de Luiz Alberto, nós, do movimento negro e do MNU mais especificamente, chegamos até a CESE, e aí tinha uma coisa que era muito interessante, que éramos tão radicalmente contra tudo, que a gente não queria nem ter uma conta bancária para poder receber qualquer tipo de apoio, porque a gente achava que aquilo ia conspurcar completamente nosso compromisso político, nossa luta contra o racismo e coisas desse tipo. Era muito interessante também porque o apoio da CESE ao movimento negro, na verdade, era um apoio que ela de uma certa forma fazia contrariando o que era politicamente o central da luta contra a ditadura, a luta pela democracia no Brasil.



De uma certa forma, igualmente acontecia com os vários setores de esquerda da época. Nós, do movimento negro, éramos vistos como divisionistas, estávamos quebrando no meio a luta da classe trabalhadora e, portanto, aquilo não deveria ser algo que se devesse apoiar politicamente.

Trago isso novamente à baila para dizer que fomos apoiados pela CESE, apesar de se achar isso da gente. Acho que isso é o mais fantástico no processo da experiência. Essa possibilidade que você tem de - mesmo discordando naquilo que era extremamente central para nós, na época, e que continua sendo hoje, acho que cada vez mais - reconhecer que existia ali um embrião muito importante de compromisso político e, apesar da discordância, uma leitura legítima das formas como se dá a exploração dentro da sociedade brasileira. Acho que isso é um exemplo que particulariza tanto o que a CESE representa e representou ao longo desse tempo com possibilidades hoje de você reproduzir esse tipo de relação de respeito que fica cada vez mais e mais rara.

Do mesmo modo, Lena, que a CESE muitas vezes nos apoiou no movimento de mulheres aqui na Bahia, discordando da maneira como a gente levava muito as coisas, que se caracterizou inclusive em algo bastante anedótico, que foi um encontro feminista que fizemos aqui na Bahia. Quando chegou na hora da abertura do encontro, não permitimos que os homens da CESE entrassem. Então, acho que é um pouco desse trajeto, um pouco dessa experiência e um pouco dessas diferenças que fizeram com que fôssemos aprendendo uns com os outros como apoiar, abrigar, acolher do ponto de vista político as diversas formas de organizar a nossa identidade e a nossa intervenção na sociedade brasileira. Não é à toa que hoje a CESE se constitui como uma parceira extremamente importante do movimento negro, sem resquício, eu acredito daquelas dúvidas que existiam cerca de 30 anos atrás, a CESE hoje é extremamente importante para o trabalho, como Marizélia testemunhou aqui, das comunidades negras tradicionais.

Por isso, a partir destes 40 anos de comemoração, temos, ainda, de fazer um processo de avaliação no sentido de quais são os desafios colocados para nós, neste momento, na luta política do Brasil, seja ela realizada a partir dos movimentos sociais, seja ela realizadas a partir das instituições.



Nós não temos dúvida e concordamos, completamente, com as falas anteriormente proferidas. Foi dito o seguinte: nós estamos, sim, vivendo, do ponto de vista político, um momento hoje no Brasil que é muito mais difícil do que há 40 anos passados. Estamos dentro do processo de uma repactuação política no País que tende a favorecer as forças conservadoras. Não há dúvida disso. E os indícios estão todos inscritos nesta conjuntura na qual vivemos e tais indícios estavam colocados em todos os discursos feitos aqui.

Temos, hoje, sem dúvida alguma, uma sociedade brasileira muito mais complexa e muito mais fragmentada do ponto de vista da manifestação dos diferentes movimentos sociais. E, até por isso, tal conjuntura nos coloca em um desafio muito maior, qual seja, o de poder enxergar, nesta aparente fragmentação, quais são os novos passos e os novos caminhos como possibilidades que se abrem para nós sem abrir mão da multiculturalidade e da multirracialidade da sociedade brasileira.

Portanto, companheiros, ao dizer isso, reafirmo, junto aos demais, que precisaremos ainda da CESE por mais alguns anos. A CESE dá esta possibilidade de fazer com que se manifestem, também, os pequenos grupos que mantêm a sociedade brasileira neste movimento cotidiano extremamente importante para impedir que se realize o projeto de direita ou o projeto conservador que se manifesta com mais força a cada vez.

Então, companheiras e companheiros, era isso o que eu queria dizer e, ao mesmo tempo, deixar registrado a minha satisfação neste momento de celebração. Mais uma vez, trago as minhas felicitações para todos nós que, de algum modo, participamos desta trajetória.

Um grande abraço e um desejo de mais e melhores vitórias.

Muito obrigada. (Muitas palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)



5666-III

Ses. Esp. 06/06/13

Or. Moema Gramacho

Sessão Especial do PEC, Criação dos Tribunais Regionais Federais 6ª, 7ª, 8ª e 9ª Regiões, proposta pelo Deputado Elmar Nascimento.

A Srª PRESIDENTE (Neusa Cadore):- Registro as seguintes presenças: Asa Brasil; Fase Bahia; pastor Djalma Torres; Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas; Sasop; MOC; Maria do Carmo Brito de Moraes, presidente da APAE-Salvador; Movimento Cota; Organização Ecumênica de Koinania; CEPESC; Associação das Baianas; reverendo Dagoberto; militantes do Movimento de Pescadoras e Pescadores; Movimento de Integração e Cultura; Centro da Mulher Baiana; Caritas Brasileira; Uneb; ICCO; pastor Nestor Paulo Friedrich, presidente da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e Instituto Búzios.

Prosseguindo, convido a secretária estadual de Desenvolvimento Social e Combate à Pobreza, Moema Gramacha, representando o governador Jaques Wagner.

A Srª MOEMA GRAMACHO:- Boa-tarde a todas. Começo dizendo que precisamos, sempre, fazer esta irreverência, porque, por muitos anos, as mulheres se sentiram cumprimentadas com “todos”. Portanto, acho que nenhum homem sentir-se-á diminuído em ser cumprimentado como todas.

Cumprimento a nossa presidente desta sessão especial que teve a iniciativa desta promoção de comemorar a existência de 40 anos da CESE, a deputada das lutas sociais, deputada do povo, Neusa Cadore. Assim, Neusa, eu agradeço a oportunidade de estarmos aqui, nesta tarde de hoje, para comemorar os 40 anos da CESE. Digo ser este o motivo de muitas comemorações e de muitas reflexões. Tivemos, efetivamente, nesta tarde, muitas reflexões extremamente positivas que só nos engrandecem.

Cumprimento a nossa ministra de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, Luiza Bairros. Veja só que felicidade: apesar de vivermos ainda com tantas dificuldades, mas nós temos uma ministra, mulher, negra, de Promoção da Igualdade Racial em nosso País. Se a gente estivesse, há 40 anos, falando que isso poderia acontecer, a gente acharia que estaria muito mais distante. E já acontece. Fico feliz, ministra, em tê-la representando, inclusive, as



mulheres negras, brasileiras e, em especial, as mulheres baianas. Apesar de a senhora ser gaúcha, nós já a adotamos como nossa. Portanto, nós queríamos, neste momento, cumprimentar a nossa ministra e desejar sucesso em sua empreitada. Desejo que continue cada vez mais firme.

Cumprimento Vera Lúcia da Cruz Barbosa, a minha preferida secretária de Políticas para as Mulheres do Estado da Bahia. Somos, somente, duas secretárias de Estado; por isso, ela é a minha preferida, pois é uma mulher que vem do movimento social, do movimento da luta pela terra. Portanto, ela vem da raiz de todas as nossas lutas e das diversas conquistas que obtivemos.

Cumprimento o nosso companheiro Antonio Albino Canelas Rubim, secretário de Cultura do Estado da Bahia. Desejo-lhe muito sucesso nas batalhas que vêm pela frente, porque não são fáceis principalmente nesta Bahia da diversidade e da diversidade, também, da riqueza cultural.

Cumprimento a presidente da CESE, Eleni Rangel. Reafirmo que suas palavras foram muito bem reflexivas. Portanto, nós aproveitamos este momento para fazer este cumprimento em nome do governador Jaques Wagner pelos 40 anos de comemoração desta história muito bem escrita, na realidade e na vida, que é a história da CESE. Parabéns!

Cumprimento a nossa companheira Eliana Bellini Rolemberg, diretora executiva. Assim, Eliana, você está no dia a dia destes movimentos e sabe o quanto, para nós, é importante estar aqui agora. Tive a felicidade, quando deputada desta Casa e presidenta da Comissão de Direitos Humanos, de entregar um troféu, justamente, à CESE na área de direitos humanos. Àquela oportunidade, já sentíamos a sua força e o seu trabalho. Parabéns!

Cumprimento o membro da Diretoria do Conselho Latino-Americano das Igrejas, Sr. Anivaldo Padilha. Aqui, neste momento, cumprimento todas as entidades religiosas presentes.

Cumprimento João Pedro Stédile, nosso companheiro e fundador da direção nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. João Pedro, digo que temos um orgulho muito grande em tê-lo como o companheiro das lutas em defesa da terra. Diga-se de passagem, deixou muitos exemplos com a sua coragem. Estou certa de que muitos sempre



quiseram segui-lo em função de sua coragem e de sua luta. Neste momento, agradecemos a sua participação, assim como a sua história.

Cumprimento a companheira Marizélia Lopes, representante do Movimento dos Pescadores e Pescadoras Artesanais. Oportunamente, durante a minha fala, farei referência à sua luta.

Cumprimento o cacique Babau. Digo que, efetivamente, não conquistamos a democracia plena. Temos convicção disso. Mas é preciso que, cada vez mais, façamos as críticas necessárias e reconheçamos, também, alguns dos avanços. Em se fazendo as críticas, buscar forças para continuar nos organizando, a fim de superar as dificuldades. Mas, acima de tudo, reconhece-se que foi por conta, principalmente, da sua luta, da luta de muitos indígenas, da luta de outros povos tradicionais e do apoio da CESE neste processo que conseguimos mudar algumas páginas da história de nosso País.

A prova disso foi termos conseguido eleger um presidente da República de origem operária por duas vezes consecutivas e uma mulher presidenta da República, também, por conta da luta do movimento social principalmente. E é importante que se diga por termos conseguido eleger um Presidente da República operário, por duas vezes, e uma mulher Presidenta da República também por conta da luta do movimento social, principalmente.

É importante que se diga que, se ainda não temos a democracia plena, muitas conquistas já obtivemos. Não tenho dúvida que se o movimento social tiver mais apoio de entidades como a CESE e buscar se organizar cada vez mais, teremos condições de realizar sessões como esta e chegarmos ao momento de termos menos críticas e mais conquistas a celebrar. Não tenho dúvida disso.

Gostaria de cumprimentar o vice-presidente da Assembleia Legislativa, deputado Yulo Oiticica, que também presidiu a Comissão de Direitos Humanos por algumas vezes nesta Casa Legislativa. Tivemos a felicidade de desfrutar desses momentos quando conduzimos juntos essa comissão. Quero dizer, deputado, que tudo que V.Ex^a relatou efetivamente nos deixa ainda mais reflexivos pois, apesar de termos um governo democrático na Bahia pela vontade do governador Jaques Wagner, ainda não conseguimos modificar todos os segmentos que fazem parte do governo, seja da Bahia, seja do Brasil. Por isso, ainda



vivenciamos problemas como esse relatado por V.Ex^a, no tocante ao segmento da Polícia, ocorrido, principalmente, com nosso cacique Babau. Se fosse pela vontade do governador Jaques Wagner, muito provavelmente isso não teria acontecido.

Faço esse relato pois tive a oportunidade, em apenas um mês e meio fazendo parte deste governo como secretária, de presenciar uma reunião, quando o nosso governador recebeu as comunidades indígenas num diálogo extremamente fraterno e com uma proposta de atender aos anseios da nossa comunidade indígena, entendendo, ainda, as dificuldades existentes na regularização da terra, mas, ao mesmo tempo, buscando ser o interlocutor desse processo.

Aproveito, cacique Babau, para dizer que, com certeza, se a nossa presidente Dilma ainda não atendeu aos vossos e aos apelos da comunidade indígena, tenho a convicção de que podem contar com o governador Jaques Wagner para fazer essa interlocução com a nossa presidenta Dilma, para que possamos sair do impasse vivido por vocês. Com certeza, com a capacidade de articulação e convencimento que ele tem, muito provavelmente estará ajudando muito o governo federal a criar ações que ainda se apresentam difíceis, mas que possam ser minimizadas e levadas a uma resolução.

Portanto, desde já, coloco-me à disposição para, junto com a deputada Neusa Cadore, que preside esta sessão, conversarmos com o governador para pedirmos para que faça essa interlocução com o governo federal. Com a aproximação que tem com a presidenta Dilma, muito provavelmente ele buscará ajudá-la no que for possível para que esse canal de interlocução seja sempre mantido em torno de um diálogo e da busca efetiva de garantir os anseios da comunidade indígena.

Conhecendo a presidenta Dilma também como conheço, e conhecendo a sua política, tenho convicção de que é preciso que haja mais diálogo ainda para que se chegue a um consenso. Não desista.

(O Sr. Cacique Babau fala fora do microfone.)

A Sr^a MOEMA GRAMACHO:- Faço isso com a convicção que tenho de que nós ganhamos o governo em 2002, mas não tínhamos a certeza de que, apenas elegendo um operário como presidente da República, já estaríamos implantando o socialismo no Brasil.



Sabíamos que seria um processo de transição e sabíamos que essa transição não seria fácil, que a disputa dos poderes seria braba, como está sendo, e que temos vários poderes, dentre eles, o poder da mídia, o poder da comunicação, talvez este o maior de todos. Com certeza, esse desafio é grande e teremos, cada vez mais, os movimentos sociais organizados para superarmos as dificuldades ainda existentes, para que possamos diminuir essa correlação de forças do ponto de vista de termos os movimentos mais fortes do que os governos, e que esses movimentos possam interferir nas direções dos governos, sejam eles de esquerda ou de centro-esquerda. Nós esperamos que possamos, cada vez mais, fazer com que os governos, encabeçados por partidos de esquerda, consigam ultrapassar as barreiras e as dificuldades para manter todo o governo caminhando junto com os movimentos sociais e garantindo as conquistas que tanto almejamos.

Acredito que, nesse processo, temos de parabenizar a CESE, porque a CESE tem a sua história construída na luta contra a ditadura, tem a sua história de ousadia, assim como os movimentos sociais, e tem a sua história marcada por vários momentos. Quero apenas destacar um deles como referência da sua ousadia: a CESE, com apenas de um ano de fundação, editou uma cartilha que até hoje é referência, a Cartilha dos Direitos Humanos. Com relação a essa cartilha, que fica muito bem refletida na luta dos movimentos sociais, um dos exemplos que ficou marcado nas nossas mentes foi quando, no massacre do Carandiru, um dos presos, por dentro das grades, acenava apontando a Cartilha de Direitos Humanos da CESE. (Palmas) Acho que esse é um exemplo do quanto a CESE significa do ponto de vista da organização dos movimentos sociais e do quanto isso importa, importou e vai continuar importando na construção da democracia e da cidadania.

Quero agradecer à CESE por todos os acolhimentos que nos deu durante o período de luta contra a ditadura. O nosso sindicato, o Sindiquímica – o mesmo sindicato do governador Jaques Wagner –, tem uma estreita relação com a CESE. Era para lá que nós nos dirigíamos para discutir as políticas de organização da classe trabalhadora para enfrentar o processo de ditadura, para organizar as greves e para discutir como, cada vez mais, ampliaríamos as lutas sociais para além dos muros das fábricas e como organizaríamos os trabalhadores e a sociedade para lutar contra a ditadura. Portanto, o nosso sindicato, o



Sindicato dos Químicos e Petroleiros, sindicato do qual tenho orgulho de ter feito parte durante 28 anos – tenho a certeza de que o governador Jaques Wagner também tem muito orgulho –, tem essa estreita relação de cooperação com a CESE.

Queríamos, neste momento, fazer esse agradecimento. Aprendemos muito com a CESE, mas também a ajudamos muito na organização dos trabalhadores para a constituição da Central Única dos Trabalhadores. Vi, nesta Casa, há pouco tempo, o presidente do meu partido, o Partido dos Trabalhadores, que também tem muito a agradecer pelas lições que aprendeu com a CESE para organizar o movimento.

Quero dizer que este é um dia de reflexão, de parabenizar pelas quatro décadas de existência da CESE, e de entender que, em apenas uma década de governo liderado pelo Partido dos Trabalhadores, nós não conseguimos ainda implantar efetivamente todas as políticas que gostaríamos de ver implantadas, mas, com certeza, o Brasil e a Bahia de hoje são diferentes daqueles de 40 anos atrás, momento de criação do CESE. Com certeza, teremos muito mais do que 10 anos de governo democrático e popular, buscando consolidar, efetivamente, a democracia, como também teremos muito mais 40 anos da CESE para participar desse processo.

Por fim, Marizélia, queria parabenizá-la pela sua luta, a luta das pescadoras, a luta das marisqueiras, a luta das mulheres que foi sempre muito bem acompanhada pela CESE. Só queria dizer a você que não tenha dificuldade em cantar o Hino, muito pelo contrário, cada vez que tivermos dificuldade, temos de lembrar que existe uma frase no nosso Hino que diz “Um filho teu não foge a luta!”, e nós não podemos fugir a nossa luta. (Palmas)

Quero também dizer que, apesar de, na Bahia, ainda enfrentarmos algumas dificuldades, porque ainda não transformamos tudo, com certeza, a partir do governo Jaques Wagner, também temos orgulho de cantar o Hino da Bahia que diz “Nunca mais o despotismo regerá as nossas ações. Com tiranos não combinam, brasileiros corações.” (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)



5667-III

Ses. Esp. 06/06/13

Or. Eliana Bellini Rolemberg

Sessão Especial do PEC, Criação dos Tribunais Regionais Federais 6ª, 7ª, 8ª e 9ª Regiões, proposta pelo Deputado Elmar Nascimento.

A Srª. PRESIDENTE (Neusa Cadore):- Registro a presença do professor Jaime Sodré e de Humberto Shikiya do CREAS (Centro Regional Ecumênico de Assessoria e Serviços) com sede em Buenos Aires. Também estão presentes a Articulação de Mulheres Brasileiras – AMB e a Rede Nacional Feminista de Saúde, Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos.

Antes da última oradora vamos assistir mais uma apresentação da Orquestra do Sertão.

(Apresentação da Orquestra do Sertão)

A Srª PRESIDENTE (Neusa Cadore):- Registramos a presença do companheiro Zé Leite do Movimento de Luta por Moradia Digna.

Convido para fazer uso da palavra a diretora executiva da CESE, nossa querida Eliana Bellini Rolemberg. (Palmas)

A Srª ELIANA BELLINI ROLEMBERG:- Queria romper o protocolo. Será que posso?

A Srª. PRESIDENTE (Neusa Cadore):- Pode.

Queria, em primeiro lugar, saudar esta maravilhosa orquestra. (Palmas)

Muito lindo! Eu dizia para Albino que como Secretário de Cultura ele deve estar-se sentindo feliz em vê-los.

Quero saudar e agradecer afetosamente a nossa amiga Neusa Cadore, que teve essa iniciativa. Foi realmente uma gentileza muito grande com a CESE. Devo lembrar que conhecemos Neusa desde antes, desde Pintadas. Nos sentimos muito honrados com esta sessão que ela nos oferece e com tudo que se empenhou para que este evento fosse brilhante.

Quero também saudar a representante do governador, a secretária Moema Gramacho, que também tem estado muito envolvida com a luta da CESE, como ela mesmo



disse; a nossa ministra Luiza Bairros, isso tudo é uma alegria, com essas contradições e essas vivências que tivemos, que são muito importantes para todos nós; a nossa amiga secretária de Políticas para as Mulheres, Lúcia Barbosa; o secretário de Estado Albino Rubin, que também muito nos apoiou; nossa presidente da CESE, Eleni Rodrigues, na pessoa dela quero saudar toda diretoria da CESE e as ex-diretorias; meu companheiro Arivaldo, de velhas e novas batalhas.

Eu estava pensando que falar em último lugar tem suas vantagens e desvantagens. Uma desvantagem é que tanto a Marizélia quanto o nosso amigo Stédile tiveram que ir embora e não posso me dirigir a eles como gostaria. Mas aqui está o Cacique Babau, que representa muito bem esse espectro de projetos que a CESE apoia. É interessante pensarmos que essa coordenação apoia tantos movimentos. Gostaria de ter essa diversidade toda presente a esta Mesa, mas é impossível. Então, nós temos três movimentos que representam muito a sua cara.

Luiza disse uma coisa que eu agora retomo. Discutimos nesses dias, quando estávamos em assembleia na CESE, que ela é ousadia, resistência e transformação. E vocês veem a nossa ousadia quando apoiamos lutas como essas lutas que foram expressadas aqui. Acho muito importante vocês perceberam isso e a relação direta dessa Mesa com as lutas e com o significado daquilo que a CESE apoia. Então eu me sinto muito feliz com isso.

Quero dizer também que temos de saudar a cooperação internacional que nos deu apoio desde o início, mesmo que agora ela esteja com dificuldades de manter o apoio à CESE, ao nosso trabalho, como antes. Mas aqui temos uma das representantes, que é a Conny (ICCO), nossa parceira Holandesa que agora toma uma cara mais sul-americana, mas que continua conosco. Temos a Pão para o Mundo, Ganso Selvagem, enfim, várias agências que nos apoiavam e continuam apoiando.

Tenho de dizer que o que é muito importante é reconhecer o papel que aquelas lideranças de igreja tiveram em 1973, quando elas foram pesquisar, colher material sobre a realidade dura que nós vivemos e ao mesmo tempo de perceber as diferenças existentes no Brasil e de, realizando uma grande conferência, perceber que o Nordeste era fundamental para que ela tivesse uma presença mais direta. E não só o Nordeste, mas o Norte do Brasil.



Naquele momento era necessário, nós tínhamos a igreja católica que tinha uma presença mais nacional, mas as outras igrejas estavam no Sul do país e elas fazem esse movimento para o Nordeste e foi algo muito importante.

Além disso quero ressaltar a clareza também daquelas lideranças que embora as igrejas vivessem os seus problemas, como hoje vivem a luta entre os fundamentalistas e a igreja que é aquela transformação, na época era mais complicado ainda, existia uma luta, uma dificuldade dentro das igrejas, elas poderiam ter se voltado para a valorização e para o serviço ao trabalho delas interno, no entanto, as igrejas ofereceram um serviço aos movimentos sociais. E reconhecendo o protagonismo dos movimentos sociais, sabendo da importância deles para a transformação daquele Brasil, reconhecendo que eles eram protagonistas e também reconhecendo a autonomia dos movimentos, essa é uma característica muito importante da CESE, que nunca tentou se colocar para fazer no lugar dos movimentos e sim apoiou e apoia os movimentos.

Não podemos também esquecer de que essa ousadia e esse serviço que a CESE tem, por outro lado, é muito permeado pelos movimentos e também influencia os movimentos. João Pedro disse um pouco disso, mas não disse tudo. Mas eu me lembro muito bem, quando estivemos em alguns encontros com representantes de projetos e que a CESE se preocupava de que esses movimentos refletissem mais sobre questões como relações de equidade de gênero, a questão étnico-racial e depois de algum tempo, nós tivemos uma repercussão muito grande no movimento sem terra.

Lembro-me quando o movimento nos disse: Olha, aquilo foi interiorizado pelo movimento. E vimos até acompanhando nos encontros, quando o movimento resolveu ter direções com homens e mulheres em todos os níveis, isso foi algo muito interessante e que é fruto de um trabalho também da CESE para com os movimentos sem romper com a autonomia deles. A sua autonomia sempre foi preservada.

Com o movimento negro, é interessante isso que a Luiza nos traz, e a gente vê também, como fomos avançando nessas discussões a ponto até de um encontro onde ela estava presente, a CESE ser provocada pela macota Valdina que dizia: Bom, vocês são



igrejas cristãs porque vocês não propõem um diálogo das igrejas cristãs com as religiões de matrizes africanas. Nós temos muitos problemas e precisamos dialogar.

Na realidade a proposta era mais com as igrejas pentecostais, mas nós entendemos aquele apelo e começamos todo um trabalho de diálogo inter-religioso, Jaime sabe muito bem disso e esse trabalho chegou a levar à criação de um fórum inter-religioso e não só com as religiões de matrizes africanas muito mais amplo.

Acho que esse aprendizado de lado a lado aprendemos com as agências as agências aprendem conosco, os movimentos aprendem conosco e vice-versa, até percebermos que não era apenas com projetos que deveríamos nos relacionar. Começamos a ter encontros com representações de movimentos sociais de referência no Brasil, para que eles pudessem também dizer o que a CESE deveria priorizar, quais eram as questões que eles julgavam mais importantes. Já estamos no 4º encontro com os movimentos sociais nesse sentido, para que eles possam ter uma participação na gestão da CESE.

Fomos aprendendo muito nessa caminhada, os movimentos com a CESE, a CESE com os movimentos. Aprendemos muito também sobre a necessidade de articulação, a necessidade de redes e de uma incidência pública que nós fazemos com outros. E hoje, mesmo que estejamos enfraquecidos do ponto de vista financeiro, nós saímos da zona de conforto que tínhamos, que era de apoios da cooperação internacional significativos e tivemos que buscar outros apoios.

Estamos aprendendo muito na relação da plataforma das organizações sociais com o governo, para tentar um novo marco regulatório que nunca sai, que está muito difícil também, engavetado. Estamos aprendendo na relação com o setor privado. Como é difícil o entendimento da importância das organizações de defesa de direitos.

Mas continuamos tentando dar passos, para aprender e poder responder melhor aquilo que é necessário, que vem da nossa missão que é de fortalecer os movimentos sociais nas suas lutas por transformações da sociedade, caminhando para uma sociedade mais democrática, que consiga incidir nas desigualdades gritantes que continuam a existir no Brasil; chamando a atenção das agências de que, por mais dificuldades que tenham, elas não



podem desistir da presença no Brasil, porque a desigualdade ainda é uma realidade muito clara e há necessidade desse apoio.

Queria ressaltar, eu sei que o meu tempo já acabou, mas eu não tive a oportunidade de estar na Fundação da CESE. Naquela época complicada, depois de uma prisão em que estivemos eu e Anivaldo. Depois de quase dois anos. Então, eu estava no exílio quando a CESE foi fundada, mas voltando ao Brasil, passando pela Pastoral da Terra, pelo CEAS, tive a oportunidade de ser chamada pelo companheiro de luta, a mola mestre da CESE, o Enilson. (Palmas)

A partir de 83, passei a caminhar com ele e aprender muita coisa na CESE. Aprendi muito na prisão, aprendi muito no exílio, convivi com imigrantes, com outros refugiados. Aprendi muito com esse trabalho na CESE, com a vivência com os pequenos projetos com as comunidades, com as suas iniciativas constantes. Quando pensamos que o movimento está em descenso vemos novos movimentos surgindo, porque não param.

Isso é muito importante, aprendi muito com isso, aprendi sobre a riqueza desses pequenos projetos, eles possibilitam esse protagonismo dos movimentos. Eles são donos das suas ideias, do seu planejamento, da sua incidência, da prestação de contas, eles aprendem desenvolvendo pequenas iniciativas que a CESE vem apoiando.

Foram 10 mil, mas espero que elas sejam muito mais. E que não seja essa dificuldade de sustentabilidade financeira que nos faça recuar desta opção, a qual considero a mais acertada que as Igrejas já tiveram, de apoiar pequenos projetos.

Não posso deixar de agradecer a todas as pessoas que colaboraram muito para que estes 40 anos fossem possíveis. Nós tivemos apoio de várias Secretarias de governo para a impressão do nosso livro, entre elas a de Cultura. E também para os painéis do J. Cunha, o artista plástico que aqui está e os fez. (Palmas!) Assim como algumas agências também se juntaram para nos apoiar. E o apoio inicial para que fizéssemos o livro foi dado pela ICCO há 10 anos. Só que não fomos capazes de produzi-lo antes. Ele só está saindo agora. Então realmente queria agradecer.

Agradeço igualmente às famílias nossas, porque elas têm tido muita paciência para nos dar apoio e entender que o trabalho da nossa equipe na CESE é militante, e não um



trabalho que possamos chegar às 8 horas, sair às 5 da tarde e ir para casa tranquilamente. É um trabalho militante que nos envolve muito, nos pede viagens, muita coisa fora dos horários, e as nossas famílias realmente têm sido muito pacientes.

De modo muito especial tenho de agradecer a esta equipe que temos na CESE, pois ela não mede esforços, está sempre disposta. (Palmas!) Eles chegam lá e veem tudo! Perguntaram-me outro dia: “O pessoal fica aqui?” Acabou o expediente, está todo mundo ajudando, fazendo! Todas as pessoas querem ajudar, querem fazer. Além da competência profissional da equipe de assessoria, que queria destacar, tem toda uma outra competência, um assumir juntos. Quando fomos desafiados a essa mobilização de recursos, todas as pessoas entraram nessa proposta de mobilização Para vocês terem uma ideia, há dias lá em que Antônia faz um bolo, divide em pedaços e vende-os guardando esse dinheiro numa caixinha, juntando-o para um evento maior, no qual vamos ter outra possibilidade de mobilizar recursos. Isso é muito importante.

Queria mesmo agradecer. Não posso deixar de dizer que temos estes funcionários que estão presentes aqui e outros que não estão, mas todos continuam sendo muito importantes para nós. Jane, por exemplo, foi a primeira funcionária que conheci. (Palmas!) Temos Adriano e tantas outras pessoas com tanto valor. Então quero dizer realmente como vocês são importantes! Temos ainda pessoas que hoje estão em outra situação, como Fátima e Olga, mas continuam muito ligadas ao nosso trabalho na CESE. Portanto, não posso deixar de agradecer a todos.

Pediria só um minuto para terminar com algo que escrevi na apresentação do livro da CESE que agora vamos lançar. Assim como há essa abertura dos painéis, no final da minha apresentação dizia: (Lê) “*O compromisso da CESE com os Direitos se reforça a cada dia, com o brotar das tantas sementes espalhadas pelo País. A cada grupo popular que nasce nas periferias das cidades e nos campos. A cada novo movimento popular que se organiza. A cada movimento que se reforça. A cada rede tecida por mulheres e homens, nas lutas para transformar nossa sociedade, em busca de justiça, de paz. Aí está a razão de ser da CESE.*” Obrigada.



Foi pedido que eu fizesse o início do lançamento do nosso livro, vocês devem ter visto lá fora um grande painel com a capa, o Livro dos “40 Anos da CESE”.

Queremos oferecer a algumas pessoas:

À proponente da sessão, Neusa Cadore, com muito carinho; à ministra Luiza Bairos; à secretária Moema Gramacho; à secretária de Políticas para Mulheres; ao cacique Babau; a Fátima Froes; ao Conny Toornstra (ICCO) Regional América do Sul; a Elias, da Sepromi; ao bispo Paulo Aires – vocês vão ver que o professor Jaime Sodré escreveu atrás do livro escreveu, muito bonito –; Anivaldo já recebeu o livro, inclusive foi ele quem prefaciou.

Entregamos aos vários colaboradores da CESE na pessoa de Reginaldo Muniz; a Fátima Nascimento; ao pastor Ermínio, ex-presidente do CONIC, grande amigo da CESE que também escreve nesse livro;

Uma pessoa que nos ajudou muito nesses tempos, Vera Rocha, se não fosse ela e Patrícia, que está conosco na Comunicação, teria sido bastante difícil a gente ter chegado até aqui

A Propeg está presente?

A diretoria da CESE e os delegados da Assembleia vão poder pegar seus livros, sem dúvida nenhuma. Gostaria que vocês soubessem que vão receber. Vamos também entregá-los aos historiadores, autores de vários capítulos do livro. Lucyvanda foi quem o organizou. Alguns outros homenageados, como os fundadores da CESE e ex-diretores dela, já receberam a homenagem hoje pela manhã durante o culto.

Queria também entregar ao bispo Maurício, primaz da Igreja Anglicana. Ao Nestor, nosso pastor-presidente da IECLB. À Anita Ulrich, moderadora da IPU, filha do combativo Jaime Ulrich, hoje falecido, que foi responsável junto com D. Paulo pelo Brasil Nunca Mais. À Sra. Odja, que é também a presidente da Aliança de Batistas, que muito recentemente se associou à CESE.

Eu queria ainda dizer a vocês que vários parlamentares têm apoiado a CESE, têm nos ajudado. E gostaríamos de entregar o livro aos deputados Marcelino Galo, Luiz Alberto e Sargento Isidório.



E também ao representante do CREAS, Centro Regional Ecumênico de Assessoria e Serviços, que é uma das razões de nós estarmos trabalhando também na relação latino-americana.

Não pensem que as pessoas que não receberam o livro agora são menos importantes. De jeito nenhum. Vocês todos e todas são fundamentais na vida da CESE.

Ao presidente do Conic, D. Manoel. Pensamos que o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs também merece que a pastora Romi Bencke leve um para Brasília. D. Manoel leva mais para o Sul. E é muito importante, uma relação muito forte que a CESE tem.

Vocês sabem que a CESE pertence a uma aliança mundial chamada Acta Aliança, e essa aliança está representada pelo bispo Francisco, que a gente chama de Chico. (Palmas)

Temos também aqui a ex-funcionária mais antiga, Jane, que deveria ter recebido o seu livro hoje pela manhã, mas vai receber agora. Nossos agradecimento. (Palmas)

(Entrega do livro)

Finalmente, agradeço a todos e a todas. Vamos continuar distribuindo livros. Futuramente, vamos vendê-los lá na CESE, como também os entregaremos a muitas entidades parceiras que estão aqui. Mas é difícil eleger quais, se entregamos ao Moquel, o Sazopi vai reclamar. Mas depois a gente vai cuidar de tudo isso.

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)



DL-02

Ses. Esp. 06/06/13

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Um minuto, por favor. Quero também passar para Eliana a moção de congratulações que o deputado Nelson Pelegrino mandou para que entregássemos. E também a cópia do discurso que a senadora Lídice da Mata proferiu no dia 4. Também devo dizer que o deputado Zezéu Ribeiro pediu para que transmitíssemos os seus cumprimentos, já que ele não pôde estar presente. E a deputada Fátima Nunes pediu para lhe entregar uma moção de cumprimentos.

Convido o Edmilson Schinelo e a pastora Romi Bencke, do Cebi e do Conic, que irão prestar uma homenagem a Eliana.

(O Sr. Edmilson Schinelo e a Sr^a Pastora Romi Bencke leem uma poesia em homenagem à Sr^a Eliana Rolemberg.)

(Lê) *“As linhas curvas*

*Do misterioso tempo,
Jogaram você
Na esteira luminosa
De construção
Da CESE !!*

*E você, segurou
Com toda a equipe,
O bastão desafio,
E saiu correndo,
Numa olimpíada
Sem fim,
Desafiando os
Homens que
Não entenderam
A nova mensagem*

*Que era e é
De paz,
De construção
De uma nova sociedade,
Onde a verdade e a justiça,*



*Sejam o
Seu alimento !!!*

*Nunca te curvastes
Diante dos poderosos,
Nunca compactuastes,
Com falcatruas e
Erros,
Sempre em busca
Do caminho,
Onde os oprimidos
Tivessem voz !!!*

*Por isso te dizemos,
Aqui e agora,
Que amamos você
E nesse momento,
Toda nossa família,
Te abraça
e chora de alegria,
pelo legado de honradez,
que você
deixa em sua trajetória !!!*

*como diz o provérbio
árabe,
Eliana,
estrela luminosa !!! Rolemberg e família.” (Palmas)*

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Convido também os netos da Eliana, Igor e a Mariana, para fazerem uma homenagem a sua vovó.

(Os netos Igor e Mariana entregam flores a Sr^a Eliana Rolemberg.) (Palmas)

A Sr^a PRESIDENTE (Neusa Cadore):- Convidamos a todos para um momento de confraternização no saguão, onde haverá uma apresentação de grupos culturais do Movimento de Cultura Popular de Subúrbio, agradecer muito à educadora Sandra Cerqueira, à Orquestra do Sertão, que é de Coité, na pessoa do maestro Josevaldo, muito obrigada, agradecer à Fundação Miguel Calmon, ao deputado Luiz Alberto, ao artista plástico Jota Cunha, a Fábio Farani, a Secult, a Seprome, a Secom e a SEC.



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA

Em nome do Poder Legislativo da Bahia agradecemos à presença de todos e de todas, a presença de autoridades civis, militares, eclesiásticas, dos deputados e deputadas, da imprensa e declaro encerrada a presente sessão.

Muito obrigada.